



QUESTÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS ENTRE GEOGRAFIA ECONÔMICA E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

THEORETICAL-METHODOLOGICAL ISSUES BETWEEN ECONOMIC GEOGRAPHY AND REGIONAL DEVELOPMENT

CUESTIONES TEÓRICAS Y METODOLÓGICAS ENTRE LA GEOGRAFÍA ECONÓMICA Y DESARROLLO REGIONAL

Flamarion Dutra Alves

Universidade Federal de Alfenas, Instituto de Ciências da Natureza, Curso de Geografia
Av. Jovino Fernandes Salles, 2600. Prédio B - Sala 402L, Santa Clara
CEP: 37130-000 - Alfenas, MG – Brasil
dutrasm@yahoo.com.br

Resumo:

Este artigo parte dos pressupostos teórico-metodológicos fundantes da geografia econômica caracterizando e diferenciando as teorias espaciais e suas funções como modelos para o desenvolvimento regional. Resgatar as principais ideias das teorias locacionais é importante para o aperfeiçoamento de novas investigações acerca do desenvolvimento econômico com base regional. Nesse sentido, este artigo põe em discussão, num primeiro momento, as teorias de Von Thünen no campo da agropecuária, Alfred Weber e August Lösch no setor industrial e Walter Christaller no âmbito dos serviços e comércio, apontando os princípios norteadores desses modelos espaciais. No segundo momento, debatem-se as ideias da ciência regional, a partir de Walter Isard passando por Michel Porter nas questões das economias de aglomeração, competitividade e cooperação entre empresas, por fim, discute-se as ideias da Nova Geografia Econômica de Paul Krugman. Dessa forma, o objetivo central deste trabalho é fazer apontamentos bibliográficos das principais teorias aplicadas ao longo da história da geografia econômica.

Palavras-chave: Teorias Locacionais, História do Pensamento Geográfico, Ciência Regional, Economia Espacial.

Abstract:

This essay is based on the theoretical-methodological assumptions which found the economic Geography, characterizing and differentiating the spatial theories and their functions as models to regional development. To recuperate the main ideas of the locational theories is important to the improvement of new investigations about the economic development regionally based. In that sense, this essay discusses, in a first moment, the theories by Von Thünen in cattle-breeding field, Alfred Weber and August Lösch in the industrial domain and Walter Christaller in the scope of services and trade; this essay points out thus the guiding principles of those spatial models. In a second moment, it discusses the assumptions of regional science, based Walter Isard's and Michel Porter's discussions about economies of agglomeration, competition e cooperation among the enterprises. Finally, it discusses the assumptions of the New Economic Geography by Paul Krugman. Therefore, the main goal of this work is to make some bibliographic notices of the main theories applied during the history of economic Geography.

Key-Words: Locational Theories, History of Geographic Thought, Regional Science, Spatial Economy.

Resumen:

Este artículo es parte de los pilares teóricos y metodológicos de las teorías económicas que caracterizan a la geografía y la diferenciación espacial y de sus funciones como modelos para el desarrollo regional. Canjear las ideas principales de las teorías de localización es importante para el desarrollo de nuevas investigaciones sobre el desarrollo económico de base regional. En consecuencia, este artículo pone en discusión, en un primer momento, teorías en el campo de la agricultura de Von Thünen, Alfred Weber y August Lösch de en el sector industrial y Walter Christaller en los servicios y el comercio, señalando los principios rectores de estos modelos espaciales. En la segunda etapa, para discutir las ideas de la ciencia regional de Walter Isard, Michael Porter a través de los problemas de las economías de aglomeración, la competitividad y la cooperación entre empresas, por último, analiza las ideas de la Nueva Geografía Económica en Paul Krugman. Así, el objetivo de este trabajo es a las notas bibliográficas de las principales teorías aplicadas a lo largo de la historia de la geografía económica.

Palabras Clave: Teorías de localización, historia del pensamiento geográfico, la ciencia regional, economía espacial

Introdução

A geografia é uma ciência que estuda as relações entre a sociedade e natureza, ou seja, procura compreender como ocorrem as dinâmicas e processos que interferem na produção e organização espacial. Os elementos e fatores econômicos são peças importantes nessa análise acerca do espaço geográfico, pois determinam o ritmo do uso do solo, fluxos comerciais ou intensidade da atividade industrial, assim, o desenvolvimento econômico é uma das bases para o entendimento da sociedade e da dinâmica espacial.

O estudo das bases teóricas e metodológicas da geografia econômica se torna cada vez mais presente no debate científico, tendo em vista o longo diálogo entre geografia e economia desde o princípio do século XIX. Entretanto, o estudo da economia nem sempre levou em consideração a questão espacial e suas relações com o desenvolvimento regional, conforme lembra Claval (2005, p.12) que “entre o começo do século dezenove e os anos 1930, o ramo principal da economia ignorava os problemas espaciais da vida econômica.”

Portanto, este artigo busca fazer uma breve retrospectiva das principais teorias espaciais na geografia econômica, partindo do primeiro modelo espacial-regional de Johann Heinrich Von Thünen (1826) dos princípios da localização das atividades agropecuárias, passando pela teoria do ponto ótimo da localização industrial de Alfred Weber (1909), as idéias de aglomeração populacional, hierarquia urbana e a atração de empresas terciárias na Teoria dos Lugares de Centrais de

Walter Christaller (1933), as aglomerações e área de mercado na Teoria do Equilíbrio Espacial de August Lösch (1939), os pressupostos da localização e do desenvolvimento regional de Walter Isard (1956), a teoria da aglomeração e das vantagens competitivas dos *clusters* na obra de Michel Porter (1998), por fim, a Nova Geografia Econômica proposta por Paul Krugman (1995) das vantagens comparativas e a retomada das questões espaciais no estudo da economia.

Todavia, este regate teórico-metodológico visa expor em cena pensamentos acerca do desenvolvimento regional, entendendo as potencialidades e limitações de cada teoria e o contexto histórico da criação delas, deixando claro que muitas teorias espaciais foram importantes, mas selecionamos estas neste ensaio teórico, como proposta historiográfica.

Salienta-se a importância dessas investigações bibliográficas no enriquecimento epistemológico, pois discutir os paradigmas vigentes nos remete a compreender o processo evolutivo e para debater as perspectivas da geografia econômica. Acerca disto Rita Liberato (2008) reforça esse tipo de estudo:

O conhecimento das teorias que deram e/ou dão sustentação à análise regional é de suma importância, na medida em que, assim procedendo, evidencia-se o nível de amadurecimento dos estudos da área, como também, talvez o mais importante, torna-se possível esclarecer as suas possibilidades e os seus limites explicativos. (LIBERATO, 2008, p.127)

Entre Von Thünen e Christaller a economia viu surgir várias teorias sobre o desenvolvimento econômico, porém poucas discutiram o papel da categoria espaço na composição das teorias “apenas com Alfred Marshall (1920) se assistiu ao reaparecimento dos aspectos espaciais ou locacionais no seio da teoria econômica, com a introdução do conceito de Distrito Industrial” (CHORINCAS, 2001, p.113). Assim, enfatizamos a questão espacial (objeto de estudo da geografia) na pesquisa sobre desenvolvimento econômico regional com as teorias que seguem neste ensaio.

Teoria do Estado Isolado de Von Thünen

O modelo da localização das atividades agropecuárias é considerado o primeiro estudo metodológico que incorpora a noção de espaço na atividade econômica, o economista Von Thünen (1826) buscou organizar as atividades econômicas de acordo com a localização dos tipos de culturas agropecuárias com

relação ao centro urbano. Esse modelo se baseia na idéia de que a produção agrícola determina a composição da organização do espaço, e cada atividade deve estar situado numa distância do centro urbano.

Nesse esquema teórico, a delimitação entre urbano e rural é bem distinto, o centro do modelo corresponde ao urbano e os anéis concêntricos são compostos por atividades agropecuárias que definem o espaço rural (Figura 1).

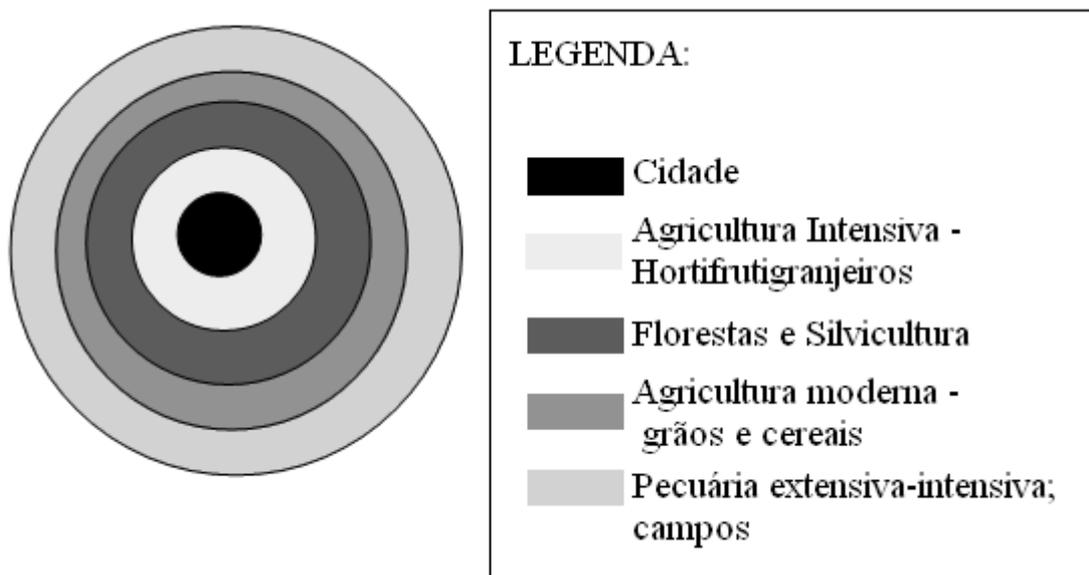


Figura 1 – Modelo da Teoria da Localização Agrícola de Von Thünen (1826).
Fonte: Alves & Maia (2009, p.52)

Von Thünen nesse modelo faz dois questionamentos importantes quanto à relação cidade-campo, primeiro é com aos padrões produtivos que se estabelecem em torno da cidade e o segundo diz respeito aos problemas gerados pelo distanciamento dos sistemas agrários da cidade.

O anel que está mais próximo da cidade é composto pela horticultura e fruticultura, e ainda pela criação de gado para produção de leite. A distância dessas culturas agropecuárias com a cidade deve ser pequena, devido aos produtos terem que ser consumidos em poucos dias, pericibilidade, e pela compra de adubos na cidade pelos agricultores, nesse caso, quanto maior a distância do centro urbano para compra do adubo, maior o prejuízo do agricultor.

Von Thünen deixou claro em sua teoria, que pode haver uma sobreposição dos anéis ou até mesmo a expansão do centro urbano sobre o primeiro anel. Todavia,

a separação entre rural e urbano é nítida, e as atividades econômicas e relações de trabalho são diferenciadas nesses espaços.

A questão do modelo de Von Thünen, no debate em geografia agrária é abordada na obra de Mesquita (1978). Alguns assuntos que são enfocados pelo modelo thuniano, a autora explora de acordo com os pressupostos da ciência geográfica, a teoria da localização, intensidade da agricultura, desenvolvimento regional e organização do espaço.

Mesquita (1978) caracteriza de forma clara o modelo do Estado Isolado de Von Thünen:

Para o desenvolvimento de suas idéias, Von Thünen imaginou um Estado Isolado onde os fatores físicos não apresentariam variação. Nesse Estado, com área finita, de terra plana, arável e de fertilidade uniforme, haveria uma única e grande cidade, centralmente localizada, para a qual os agricultores encaminhariam sua produção e onde se abasteceriam de produtos manufaturados. (MESQUITA, 1978, p.8).

Com relação à expansão urbana e a alteração no espaço rural, Mesquita (1978) ressalta algumas considerações sobre essa questão:

[...] a expansão urbana e sua antecipação resultam em utilização menos intensiva da terra, por agricultores próximos às cidades. Sinclair¹ defende a idéia de que, em torno das áreas urbanas das regiões mais industrializadas, os padrões de uso da terra estão sendo elaborados por forças distintas daquelas identificadas por Von Thünen. (MESQUITA, 1978, p.48).

No modelo teórico de Von Thünen o espaço rural e as atividades agrícolas são as que definem a ocupação da terra e a organização do espaço. Porém, com a industrialização e a expansão urbana há uma valorização das áreas urbanas e a competição do uso do solo com as atividades agrárias.

Numa cidade em que os limites não são fixos, a competição, pela terra, entre vários usos agrários, em seus arredores, se complica pela competição crescente com usos não agrários. A terra urbana, e mesmo a terra onde a urbanização é esperada, é mais valiosa que a terra rural, e o uso da terra fornece a mais alta "economic rent" é o uso urbano que desloca os usos rurais da terra para áreas marginais. (MESQUITA, 1978, p.48).

Waibel (1948) caracteriza esse modelo teórico da seguinte forma:

¹ SINCLAIR, Robert. Von Thünen and urban sprawl. 1967.

O Estado Isolado de Von Thünen é um exemplo clássico de um método que determina a utilização da terra como influenciada por forças econômicas atuando como se fosse no vácuo. Thünen empregou um método abstrato e dedutivo e assim enriqueceu a literatura sobre economia com uma de suas mais expressivas obras. (WAIBEL, 1948, p.3).

Assim a importância do estudo da teoria de Von Thünen para a geografia agrária teve um grande significado nas questões espaciais e em sua organização:

Para a pesquisa em geografia agrária, a análise thuniana se figura como especialmente útil por emprestar um sentido mais abrangente à compreensão da estrutura espacial da agricultura, já que aborda as formas de utilização da terra e as características do processo produtivo, no espaço rural, e suas associações com a cidade. (MESQUITA, 1978, p.115).

Apesar de configurar um modelo teórico para espacializar somente a produção agrícola, definindo o espaço rural como sinônimo de espaço agrícola, esta teoria influenciou outros trabalhos em diversos ramos e áreas de atuação da geografia, como Walter Christaller (1933) no espaço urbano e Leo Waibel (1948) no espaço rural. A aplicação do modelo de Von Thünen não tem uma escala única, pode abranger o desenvolvimento local, regional ou nacional (Figura 2).

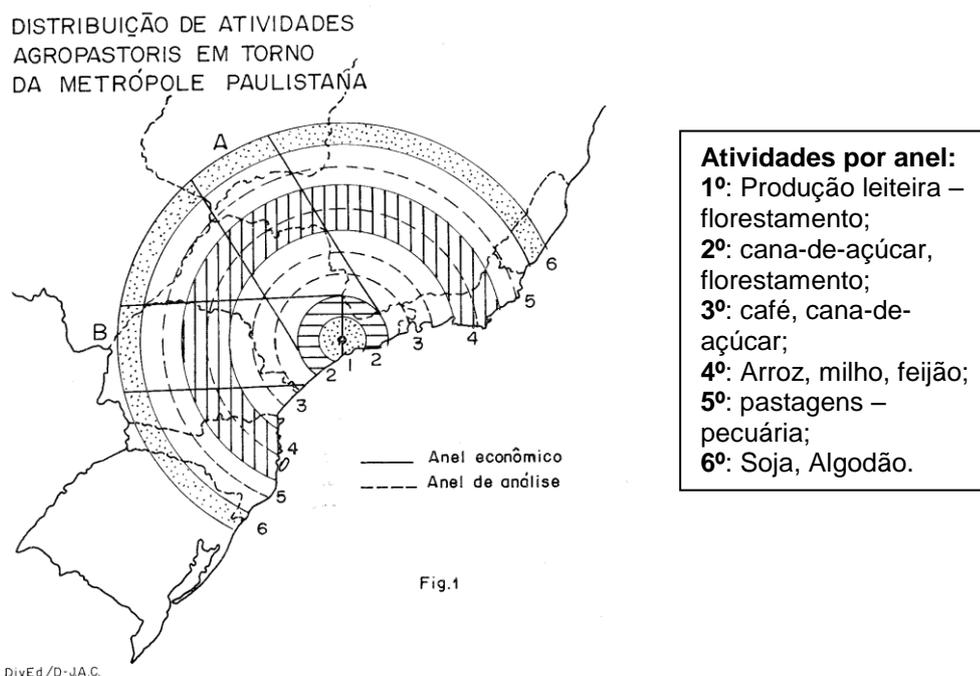


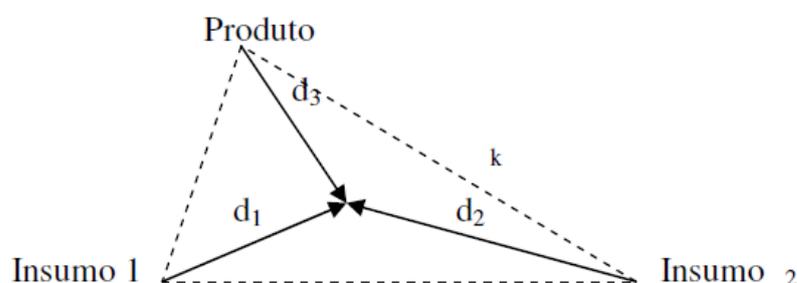
Figura 2 – Aplicação do modelo de Von Thünen a partir da metrópole paulista numa escala nacional.

Fonte: Geiger, Lima e Abib (1974, p.7).

Então, a importância da contribuição da teoria de Von Thünen para a análise regional consiste no marco inicial das discussões espaciais no âmbito econômico, traz perspectivas para a localização das atividades econômicas e dá subsídios para outras teorias espaciais.

Localização Industrial em Weber

Alfred Weber (1909) buscou elucidar as causas da localização industrial, ressaltando o papel dos custos de transporte de matérias-primas e produtos acabados, em função da localização dos mercados consumidores e na localização próxima à mão-de-obra das empresas (Figura 3).



Fonte: Maccan e Phillip (2001)

Figura 3 – Localização ótima industrial através do triângulo econômico.

A teoria de Weber em princípio refere-se a otimização dos custos de transporte, ou seja, uma indústria deve se instalar na medida em que a relação dos custos com matéria-prima, mão-de-obra e mercado consumidor for reduzido, e esteja compatível com essas três variáveis, conforme Georges Benko (1999, p.42) Weber “procura respostas teóricas para o problema da localização ótima das empresas [...] do ponto de vista dos custos de produção, os locais não são equivalentes, existindo um local preciso onde a produção se realizará ao custo mínimo”.

Por se tratar de uma localização ótima, a perspectiva de desenvolvimento econômico dessa teoria visa uma escala local ou regional, pois os custos de transportes devem ser minimizados.

A Teoria dos Lugares Centrais de Christaller

O espaço geográfico visto de suas funções econômicas e sua relação com a organização da população, pode ser ilustrada através da Teoria dos lugares centrais ou da centralidade do geógrafo Walter Christaller. Essa teoria é fundamentada pelas

idéias de Von Thünen, na qual visava espacializar as atividades econômicas que caracterizariam a organização espacial da população.

A Teoria de Christaller (1933) explana um modelo de rede espacial, com ênfase ao espaço urbano e seu dinamismo. Entendendo o espaço geográfico como um sistema hierarquizado, Christaller (1933) adotou como suporte teórico-metodológico Von Thünen (1826) para a espacialização das atividades agrícolas, Weber² (1922) para a teoria das localizações das indústrias e Engländer (1924)³ na qual, inter-relacionou as partes da teoria econômica com a relação espacial.

Como objetivos e importância da Teoria de Walter Christaller para a geografia podemos lembrar Duarte (1976):

Christaller em sua teoria já se preocupava em mostrar que a distribuição da população poderia afetar o desenvolvimento das localidades centrais. Em áreas de população dispersa o desenvolvimento de localidades centrais é menor do que em áreas onde a população está concentrada. Nelas o consumo de bens centrais é menor do que nas regiões densamente povoadas. (DUARTE, 1976, p.67).

Com enfoque populacional e de um planejamento das cidades, a Teoria da Centralidade (Figura 4), destaca alguns elementos importantes para a questão do espaço rural e urbano, como a divisão do espaço em setores de influências das atividades econômicas da cidade, suprimindo as atividades agrícolas.

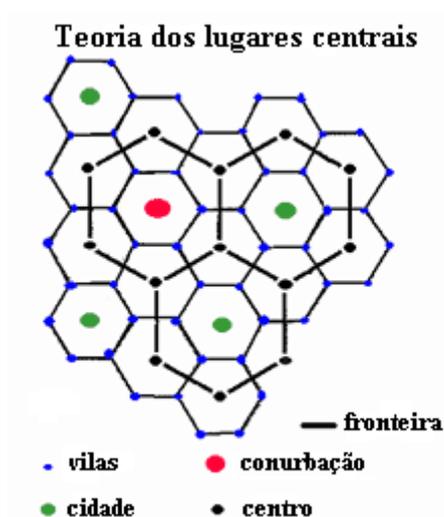


Figura 4 – Teoria dos lugares centrais de Christaller (1933)
Fonte: Alves & Maia (2009, p.55).

² Alfred Weber, “Über den Standort der Industrien”, *Reine Theorie des Standorts*, 2.ed. Tübingen, 1922.

³ Oskar Engländer, *Theorie des Güterverkehrs und der Frachtsätze*, Jena, 1924.

A Teoria dos Lugares Centrais mostra uma organização espacial da população de acordo com a importância e o dinamismo das atividades econômicas, principalmente o comércio e a indústria. A proximidade de centros industriais e comerciais faz com que a distribuição da população se de em torno desses pólos aglutinadores, ou seja, uma polarização ou redes desses centros urbanos.

A questão do espaço urbano é bem definida no modelo teórico de Christaller, na qual é representada na hierarquia urbana (vila, centro, cidade e conurbação). Todavia, o espaço rural é definido como um lugar pouco habitado e com atividades pouco dinâmica, dispersa e com baixa polarização:

In contrast to these central places are the dispersed places, all those places which are not centers. They include: (1) areally-bound ones – those settlements the inhabitants of which live on their agricultural activities, which are conditioned by the land area surrounding them; and (2) point-bound ones – those settlements the inhabitants of which make their living from resources found at specific locations⁴. (CHRISTALLER, 1966, p.16).

Portanto, o espaço urbano para Christaller (1933) é aquele local densamente povoado, com presença de atividades comerciais e industriais, na qual existe uma hierarquia entre esses diferentes espaços. O espaço rural seria a inexistência de uma concentração populacional, além de uma baixa atividade econômica, na qual não gera um atrativo para a população, não formando redes hierárquicas entre esse espaço.

O ponto fundamental da teoria dos lugares centrais de Christaller nas análises da relação entre o espaço urbano e o rural, está na elaboração de um modelo que posiciona a cidade como local central para o controle de toda relação, com o campo sendo subordinadas as decisões socioeconômicas oriundas do mundo urbano. Assim, a relação campo-cidade passa e ter uma análise claramente assimétrica, com o campo sendo apenas um reflexo das decisões da cidade.

Algumas críticas a Teoria de Christaller foram feitas por Santos (1979) e proposições para adequação da teoria por Corrêa (2005) com intuito de enaltecer a iniciativa do modelo ajustando as diferentes realidades que os pressupostos iniciais não previam, como a concentração de renda, elites agrárias, oligopólios entre outras contradições do sistema capitalista.

⁴ Tradução: Em contraste com estes lugares centrais são os locais dispersos, todos aqueles lugares que não são centros. Eles incluem: (1) áreas-limites - são as que os habitantes das povoações que vivem das suas atividades agrícolas, que são condicionados pelas áreas em torno delas; e (2) ponto-limite – são os assentamentos onde os habitantes vivem a partir de recursos em locais específicos.

As Áreas de Mercado de Lösch

Partindo dos pressupostos de aglomeração de Christaller, August Lösch propõe uma área de mercado para cada empresa, no qual empresas do mesmo setor possam se agrupar em área de mercado distintas tendo seu mercado consumidor próprio (Figura 5) e com isso diminuir os custos de produção com transporte, tendo uma área de atuação e abrangência. Para Benko (1999, p.58) “o seu esquema inicial baseia-se em três fatores: distância, produção em grande escala e concorrência. Os produtores (industriais) de um dado ramo delimitam os seus raios de ação comercial em função de considerações de racionalidade econômica”.

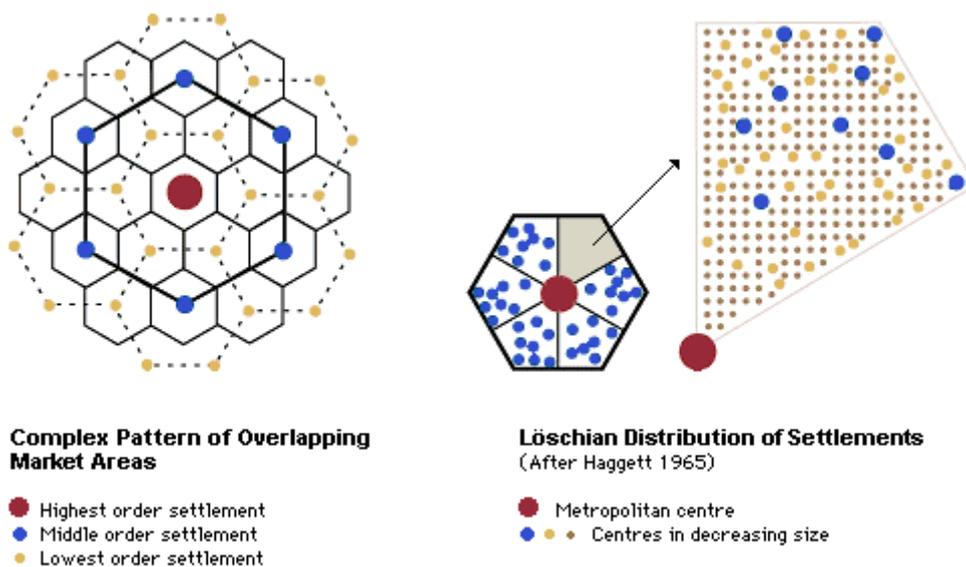


Figura 5 – Modelos de Christaller (esquerda) e adaptação por Lösch (direita).
Fonte: Piccoli Neto (2009, p.447)

Conforme a figura 5 fica clara a paisagem econômica proposta por Lösch, ele delimita uma fronteira para cada empresa, em especial industrial. Conforme Benko (1999, p.57) “Lösch foi o primeiro a ligar numa mesma análise a teoria da localização e do equilíbrio econômico espacial [...] sua principal preocupação é a de relacionar localização, região, comércio inter-regional e internacional”.

O desenvolvimento regional é entendido numa delimitação de fronteiras, onde cada paisagem econômica tem uma área de atuação, uma área de mercado.

Nesse caso, os atores envolvidos na paisagem têm uma perspectiva integradora, porém sem competitividade entre empresas do mesmo setor.

Equilíbrio Geral da Economia em Isard

Walter Isard dará novos aportes teóricos à questão econômica regional, prevalecendo à otimização dos pontos ideais para fixação de indústrias, mas agregando temas antes não encarados de forma densa. Basicamente surgirão quatro setores de investigação na ciência regional, o primeiro será a *localização das atividades econômicas*: Aglomeração, setores de atividades, divisão espacial do trabalho entre outros; o segundo a *organização e estruturação do espaço*: Utilização do solo, meio ambiente, análise da renda fundiária, transportes, urbanização, relações sociais, políticas, econômicas no espaço entre outros; o terceiro as *interações espaciais*: Comércio internacional, inter-regional, fluxo de pessoas, informação, moeda etc; e o quarto o *desenvolvimento regional*: Teoria econômica do desenvolvimento, disparidades e desigualdades espaciais, fordismo, pós-fordismo, ordenamento do território, economia industrial. (BENKO, 1999).

A visão sistêmica de Isard colaborará para o avanço dos estudos em geografia econômica, rompendo com a perspectiva clássica da localização baseada no custo mínimo. A respeito disso Georges Benko (1999, p.68) diz:

Isard serve de funções de produções lineares, de tal forma que a localização ótima de um estabelecimento coincide ainda com o ponto de minimização dos custos de transporte. No entanto, (...) a localização ótima de um estabelecimento variará em função do nível da produção, e será quase impossível dizer algo de preciso quanto a localização das empresas industriais. (BENKO, 1999, p.68).

Todavia, a questão desenvolvimentista de Isard trouxe novos aportes teóricos e temáticos, como a questão ambiental e os valores culturais. A importância do contexto político para definir os tipos de atividades e a localização delas, ou seja, o desenvolvimento regional a partir de Walter Isard ganha corpo para uma explicação mais profunda, com variáveis objetivas e subjetivas que determinam os rumos da economia.

Os *clusters* e a cooperação e competitividade em Porter

O desenvolvimento regional a partir da década de 1980 enfatiza uma visão multidimensional, encarando os elementos internos e externos da atividade econômica, ou seja, a abordagem sistêmica se faz cada vez mais presente no estudo da geografia econômica. Através dessa premissa a localização de empresas agrícolas ou industriais remete a uma investigação estrutural, que passa desde os fatores clássicos de distância até as políticas públicas.

Nesse sentido, o conceito de rede ganha relevo na geografia econômica, pois é uma abordagem que consegue integrar os diferentes atores e agentes no processo econômico, conforme descreve Britto (2002, p.347-348):

A utilização do conceito de rede como artifício analítico na abordagem de problemas econômicos reflete não apenas a recuperação de temas tradicionalmente abordados pela economia política clássica – discutindo a especificidade da divisão social do trabalho entre as empresas – como também a incorporação de uma série de contribuições importantes da sociologia e matemática, evidenciando uma abordagem nitidamente interdisciplinar.

Nesse sentido, a noção de *cluster* ganha êxito no desenvolvimento regional, a partir das pesquisas na Terceira Itália⁵ e Vale do Silício⁶ que organizam empresas de um mesmo ramo econômico, e através da cooperação, inovação, ciência e tecnologia, somado a competitividade entre elas, definem essa aglomeração.

Michel Porter (1998) apreende *cluster* como uma aglomeração de empresas interligadas e instituições de um mesmo setor, contendo o aperfeiçoamento das inovações tecnológicas (Ciências & Tecnologia), governos locais (município e estados), instituições de pesquisa e universidades. Numa perspectiva dialética, os *clusters* são cooperadas e competidoras, mas essa relação determina a consolidação da aglomeração.

De acordo com Schmitz (apud AQUINO & BRESCIANI, 2005, p.162), os clusters apresentam oito características básicas que diferenciam das noções de distrito industrial: 1) proximidade geográfica; 2) especialização setorial; 3) predominância de pequenas e médias empresas; 4) estreita colaboração entre as

⁵ Região nordeste da Itália que conseguiu sucesso na cooperação de empresas de um mesmo setor, a partir da década de 1950.

⁶ Região localizada na Califórnia – Estados Unidos, concentrando empresas de informática numa lógica de cooperação, inovação e competitividade.

empresas; 5) competição entre as empresas baseadas na inovação; 6) identidade sócio-cultural com confiança; 7) organizações de apoio efetivamente ativas; e 8) promoção pelos governos regionais e municipais.

Para Michel Porter, o agrupamento geográfica de empresas de um mesmo setor está acompanhado da vantagem competitiva, ou seja, numa economia de ordem global, essas vantagens são estabelecidas pelos elementos locais - regionais, como o capital social, identidade, organização e cooperação, participação de governos e instituições de pesquisa.

Entretanto, numa perspectiva econômica a dependência de uma região num único produto pode por em risco a organização da rede construída. As oscilações do mercado e as incertezas do preço fazem com que os *clusters* tenham uma limitação, apesar dos êxitos demonstrados em diversas regiões no mundo.

A Nova Geografia Econômica e a Teoria do Comércio Internacional de Krugman

Paul Krugman aborda em seu livro *Geografia y Comercio* (1992)⁷ elementos determinantes na localização de indústrias e fatores que influenciam na dinâmica do comércio internacional. Apontando para temáticas importantes como aglomeração industrial, mercado de trabalhos, centro-periferia, centralidade, regiões entre outros.

A respeito das concentrações industriais, afirma que a base das aglomerações de empresas numa determinada região leva em conta “a interação entre a demanda, os rendimentos crescentes e os custos de transporte que são a força motriz de um processo acumulativo que acentua as divergências regionais [*nossa tradução*]” (KRUGMAN, 1992, p.17), ou seja, não basta entender apenas uma variável de uma economia regional, faz-se necessário o estabelecimento de pontos que conversem sobre as necessidades das indústrias (terra, capital, matéria-prima, trabalho, mercado etc).

Ainda sobre as concentrações Krugman (1992, p.20) ressalta que “Se as economias de escala são suficientemente grandes, cada fabricante prefere abastecer o mercado nacional de um único lugar. Para minimizar os custos de transporte, escolhe uma localização que permita contar com uma demanda local grande. Mas a

⁷ Originalmente publicado em 1991, **Geography and trade**. MIT Press, Cambridge MA.

demanda local será grande exatamente onde a maioria dos fabricantes escolherem se localizar [nossa tradução]. O autor utiliza o exemplo da aglomeração das indústrias e comércio no nordeste dos Estados Unidos, o chamado *Cinturão Industrial*, esse exemplo pode ser transportado para o Brasil no eixo Rio- São Paulo.

A base das explicações de Krugman (1992) está nas ideias de Alfred Marshall (1890) quando criou parâmetros para a organização dos distritos industriais, levando em consideração os fatores de matéria-prima, serviços, transporte e mercado consumidor para a produção em escala das empresas e a aproximação de novos empreendimentos. Entretanto, Krugman (1992) traz ao debate a questão da “osmose tecnológica” nas aglomerações de empresas, ou seja, a proximidade de empresas de um mesmo setor e de alta tecnologia facilita a difusão do conhecimento e técnicas para as empresas que estão concentradas, e essas informações demorariam a chegar a regiões mais afastadas ou em outros países. Nesse caso, o autor exemplifica o Vale do Silício na Califórnia nos Estados Unidos, onde há milhares de empresas de alta tecnologia do setor da informática, sendo o centro do conhecimento e as empresas localizadas naquela região recebem por “osmose” o conhecimento produzido, seja pela cooperação ou competição.

Considerações Finais

Considerando o objeto de estudo da geografia, as teorias espaciais são ferramentas metodológicas muito úteis para o desenvolvimento de análises abrangentes. A ideia de organizar o espaço, através das teorias locacionais dá ao geógrafo possibilidades de executar e planejar intervenções em diferentes escalas.

Há duas fases distintas na geografia econômica, onde a primeira visa à questão espacial – locacional das atividades, na segunda uma visão mais geral incluindo fatores políticos e numa escala global. Sobre isso Claval (2005) afirma:

Na primeira, o interesse ficou centrado sobre a produção, mas o objetivo mudou. A explicação de mecanismos e de processos de decisão substitui a descrição. Os problemas da polarização do crescimento pareceram centrais nesse período. Na segunda fase, a atenção se abriu sobre novos problemas: a globalização, a metropolização, a mobilidade crescente e suas consequências, as questões ambientais. (CLAVAL, 2005, p.23).

Fica evidente a evolução e utilização do conhecimento aplicado nas teorias analisadas (Quadro 1).

Quadro 1 – Síntese das teorias espaciais da geografia econômica.

Autor	Ano da teoria	Teoria	Atividade Econômica	Princípios	Conceitos	Desenvolvimento Regional
Von Thünen	1826	Estado Isolado	Agropecuária	Centro – Periferia; Distribuição de atividades agropecuárias em área definidas; Relação Distância-Renda.	Anéis Concêntricos	Base local-regional; Relação Campo-Cidade
Weber	1909	Custos de Transporte	Industrial	Triângulo da Localização Econômica; Localização com redução dos custos com transporte.	Ponto Ótimo	Base local; Proximidade entre matéria-prima e consumidor.
Christaller	1933	Lugares Centrais	Comércio e Serviços	Polarização; Concentração Urbana; Princípio de Tráfego e Mercado.	Hierarquia ou Rede Urbana	Base Local-Regional;
Lösch	1939	Áreas de Mercado	Industrial	Localização com geração de lucro, independentemente da distância do mercado consumidor e matéria-prima.	Paisagens Econômicas	Base Local-Regional;
Isard	1956	Equilíbrio Regional	Industrial	Desenvolvimento Regional; Localização ótima; Estruturação espacial; Interações espaciais.	Região Econômica	Base Regional – Nacional – Internacional
Porter	1998	Competitividade e Cooperação	Em especial, agropecuária e industrial	Inovação; Participação dos Governos locais e regionais; Cooperação entre empresas.	Cluster – Arranjos Produtivos Locais	Valorização do regional; Visando o mercado global.
Krugman	1992	Nova Geografia Econômica	Comércio e Indústria	Osmose Tecnológica; Centro-periferia; Aglomeração industrial.	Distritos Industriais; Cluster	O local/regional ligado com o global

Organização: Flamarion Dutra Alves.

Desta forma, o estudo teórico para a geografia econômica se faz necessário, debatendo os princípios e a aplicabilidade no contexto regional, sempre

evidenciando a perspectiva global, mas não perdendo de vista o cenário local. Nesse sentido, esta revisão teórica suscita novas pesquisas, contribuições para a consolidação da geografia econômica.

Referências

ALMEIDA, N.A.S; ARAÚJO, J.J.C.N; RODRIGUES, F.M. A Teoria dos Lugares Centrais e sua aplicabilidade no Programa Zona Franca Verde no Amazonas. p.106-120. *In: Revista REDES*. v.14, n.1, 2009.

ALVES, Flamarion D & MAIA, Adriano C. Teorias sobre o espaço e a questão rural-urbano. p.47-64. *In: FERREIRA, Darlene Ap. O. & FERRERA, Enéas F. (Org.). Estudos Agrários: Conceitos e Práticas*. Rio Claro: Pós-Graduação em Geografia - IGCE, 2009.

AQUINO, A.L & BRESCIANI, L.P. Arranjos produtivos locais: uma abordagem conceitual. p.153-167. *In: Organizações em contexto*. v.1, n.2, 2005.

BENKO, Georges. **A Ciência Regional**. Oeiras: Celta, 1999.

BRITTO, Jorge. Cooperação interindustrial e redes de empresas. p.345-388. *In: KUPFER, David & HASENCLEVER, Lia. (Org). Economia Industrial: Fundamentos teóricos e práticos no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2002.

CHRISTALLER, Walter. **Central places in Southern Germany**. New Jersey: Prentice-Hall, 1966.

CHORINCAS, Joana. Geografia Económica: Encontros e desencontros de uma ciência de encruzilhada. p.109-122. *In: Inforgeo*. n.16/17. Lisboa: Colibri, 2001/2002.

CLAVAL, Paul. Geografia Econômica e Economia. p.11-27. *In: Geotextos*. v.1, n.1, 2005.

CORRÊA, Roberto Lobato. Repensando a teoria das localidades centrais. p.15-40. *In: CORRÊA, R.L. Trajetórias Geográficas*. 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

DUARTE, Aluizio C. Hierarquia de localidades centrais em áreas subpovoadas: o caso de Rondônia. p.66-78. *In: Encontro Nacional de Geógrafos*, v.2. Anais...Belo Horizonte: AGB, 1976.

GEIGER, Pedro Pinchas; LIMA, Maria Salette Ney da Motta; ABIB, Myriam Emile Abi. Distribuição de atividades agropastoris em torno da metrópole de São Paulo. p.3-36. *In: Revista Brasileira de Geografia*. v.36, n.4, 1974.

ISARD, Walter. **Métodos de análisis regional: una introducción a la ciencia regional**. Barcelona: Ariel, 1973.

KRUGMAN, P. **Geografia y comércio**. Barcelona: Antoni Bosch, 1992.

LEÓN, F.H.A.D; MEIRELLES, D.S; THOMAZ, J.C. Vantagens da aglomeração de serviços no contexto do desenvolvimento econômico: um ensaio teórico. p.68-88. *In: Revista REDES*. v.15, n.3, 2010.

LIBERATO, Rita de Cássia. Revisando os modelos e as teorias da análise regional. p.127-136. *In: Caderno de Geografia*. v.18, n.29. Belo Horizonte, 2008.

MESQUITA, Olindina Vianna. **O modelo de Von Thunen**: uma discussão. Dissertação (Mestrado em Geografia). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1978.

NUNES, Flaviana Gasparotti. **O econômico na geografia**. Influências do pensamento econômico na produção geográfica (1970-2001). Tese de Doutorado (Geografia). Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente, 2004.

PICCOLI NETO, Danilo. O uso de modelos para análise espacial em geografia econômica. p.438-452. *In: Seminário de Pós-Graduação em Geografia da UNESP – Rio Claro*. v.9, Anais... Rio Claro: AGETEO, 2009.

PORTER, Michael E. **Competição**: estratégias competitivas essenciais. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

SANTOS, Milton. Uma revisão da teoria dos lugares centrais. p.101-109 *In: SANTOS, Milton. Economia espacial*: críticas e alternativas. São Paulo: Hucitec, 1979.

VON THÜNEN, Johann Heinrich. **The isolated state**. Oxford: Pergamon Press, 1966.

WAIBEL, Leo. A teoria de Von Thünen sobre a influência da distância do mercado relativamente a utilização da terra. p.3-40. *In: Revista Brasileira de Geografia*. v.10, n.1, 1948.

WEBER, Alfred. **Theory of the location of industries**. Chicago: Chicago University, 1969.

Recebido em: 28/02/2015

Aprovado para publicação em: 31/07/2015